

Assembleia Geral da Casa do Povo da Camacha marcada para amanhã

Os órgãos sociais da Casa do Povo da Camacha reunir-se-ão, pelas 20:30 de amanhã, em Assembleia Geral, no salão nobre. A ordem de trabalhos contempla a análise e votação dos estatutos do Núcleo Académico da Camacha, apreciação e votação das actividades.



CASA DO POVO
REÚNE
AMANHÃ

Madeirenses vivem dias de escravidão numa quinta em Inglaterra

São cerca de 30, vivem em condições sub-humanas. O dinheiro é contado para uma alimentação nivelada por baixo. São madeirenses e escravos numa Inglaterra do século XXI

Madeira promete reagir

Contactado pelo DIÁRIO, o secretário regional dos Recursos Humanos, Brazão de Castro, prometeu avançar com uma investigação sobre o caso dos emigrantes burlados em Inglaterra.

De acordo com o governante, o processo será encaminhado para o Centro das Comunidades Madeirenses e posteriormente, caso se comprovem comportamentos passíveis de crime, entregue às competências do Ministério Público. Para já, não está planeada qualquer intervenção no terreno, até porque, conforme lembrou Brazão de Castro, tudo depende da celeridade com que vai decorrer o levantamento das informações necessárias.

«Se essas pessoas tivessem sido contactadas por uma empresa na Madeira, a inspecção laboral encarregar-se-ia de investigar a instituição, assim é mais complicado», ressalva.

Perante o triste desfecho desta história, o secretário regional volta a apelar às pessoas para que, antes de emigram para o estrangeiro, contactem o Centro das Comunidades Madeirenses.



Uma quinta, em Inglaterra, é o palco de um pesadelo para cerca de 30 emigrantes madeirenses, condenados a uma vida de escravidão.

Patrícia Gaspar
pgaspar@dnoticias.pt

Cerca de trinta casais madeirenses estão retidos, numa quinta em Manchester, sem documentos e votados a uma vida de trabalho, sem higiene e sem as mínimas condições de habitabilidade.

Os trabalhos na agricultura começam ao nascer do sol e só terminam já noite avançada. Na hora do descanso, um contentor serve de alojamento para várias famílias que, apesar de pagarem 25 libras, nem água têm para tomar banho.

O dinheiro é contado e as 120 libras semanais, uma quantia muito aquém do que lhes fora prometido, mal dão para a alimentação. Sob uma vigilância apertada, os madeirenses sobrevivem, entre porrada e violência psicológica.

A história, denunciada esta semana pela TSF-Madeira, é triste e assume contornos hilariantes. Tudo começa com um

anúncio num jornal. Ansiosos por uma vida melhor, os emigrantes são aliciados a partirem para Inglaterra, onde uma vida de trabalho promete abrir-lhes as portas para um futuro economicamente mais risonho.

O facto de não saberem falar inglês não é colocado como problema, pelo menos à primeira vista, uma vez que o contacto é português. Madeirense, para sermos mais precisos.

Já em Inglaterra, o pesadelo começa. São 40 horas de trabalho árduo com fome e pancadaria à mistura. Tomar duche é um luxo para quem partilha, com casais estrangeiros, um contentor sem mordomias e com uma bacia a servir de banheira.

SEIS MESES DE PESADELO

Norberto Silva e a esposa foram, até há bem pouco tempo, um dos casais madeirenses apanhados nas malhas deste pesadelo. Durante seis meses, o casal partilhou, em condições sub-humanas, o espaço exíguo de



«Mal chegam ao local de trabalho, prendem-lhes os documentos e enfiam-nos numa barraca», garante Carlos Freitas.

um contentor, algures numa quinta em Manchester.

Nem todos tiveram a mesma sorte desta família que, através de um vizinho de visita a Inglaterra, conseguiu fugir e permanece, agora, na casa de um amigo até encontrarem um emprego melhor.

«Mal chegaram ao local de trabalho, prenderam-lhes os documentos e enfiaram-nos numa barraca com outros madei-

rensens», explicou, ao DIÁRIO, Carlos Freitas, proprietário da residência onde Norberto Silva e a esposa se refugiam actualmente.

Escravidão foi a palavra escolhida por este emigrante madeirense para descrever o quotidiano vivido pelo casal que abriga em sua casa. Na ausência de Norberto Silva, que, ontem, dedicou a tarde para acompanhar a esposa no primeiro dia de um novo trabalho, foi Carlos Freitas quem desvendou mais alguns pormenores desta "saga".

Uma das contingências que mais perturba este madeirense é o facto de ser um conterrâneo a encaminhar as pessoas para Inglaterra. Segundo Carlos Freitas, os anúncios são alegadamente colocados, na imprensa regional, por um sr. Lino, natural de Santo António. A prática não será recente e chegou mesmo a ser usada pelo mesmo "negociante", em Jersey.

O processo é sempre o mesmo. Recebem as pessoas, retiram-lhes os documentos e obri-

gam-nos a trabalhar horas a fio. Durante a semana, os trabalhadores dispõem apenas de uma hora, não remunerada, para fazerem compras.

«Tomam banho numa bacia, não podem sair sem estar acompanhados e, caso se recusem a trabalhar, são castigados com porrada», garante.

Quando não têm trabalho na quinta, os trabalhadores são alegadamente enviados para outras fazendas, remetendo a maior parte da sua remuneração para o patrão, mentor deste contacto.

«As 120 libras que recebem, por semana, mal dão para as despesas da alimentação», constata Carlos Freitas, em tom consternado.

Entre os madeirenses, persistem alguns idosos que, sem saberem falar inglês, não têm meios para regressar a casa. Muitos querem fugir, mas recebem ameaças de que, se saírem, vão ganhar ainda menos. Há pessoas que, diz quem testemunhou, passam os dias a chorar.